

# PERCEPÇÃO DE PSICÓLOGOS ACERCA DA IMPORTÂNCIA DO BRINCAR ESPONTÂNEO PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Paula Guimarães Andrade Tanure<sup>1</sup>

Paula Pereira Sanders Pinto<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho consistiu em mostrar a importância do brincar espontâneo para psicoterapeutas de quatro diferentes abordagens da psicologia clínica. Para isso, foram feitas onze entrevistas com profissionais da área de terapia cognitivo-comportamental, Psicanálise, Analítica, e Psicodrama sobre os métodos lúdicos utilizados para uma maior aproximação com as crianças em processo psicoterapêutico e qual a importância do brincar espontâneo para o desenvolvimento das crianças. Com base nas entrevistas e nas análises feitas por meio das abordagens, foi possível identificar que ambas as formas de brincar possuem seu valor e sua capacidade de alcançar o da criança, conforme os psicólogos entrevistados, dando uma maior percepção sobre a forma que as abordagens e os psicólogos acabam por sua vez identificando e utilizando esse brincar nas terapias.

**Palavras-chave:** Brincar; Criança; Psicoterapia.

## ABSTRACT

The present work consisted in showing the importance of spontaneous play for psychotherapists from four different approaches of clinical psychology. Eleven interviews were conducted with professionals in the area of cognitive-behavioral therapy, Psychoanalysis, Analytical, and Psychodrama on the play methods used for a closer approach to children in the psychotherapeutic process, and the importance of spontaneous play for the development of children. Based on the interviews and the analyzes made through the approaches, it was possible to identify that both forms of play have their value and their capacity to reach that of the child, according to the psychologists interviewed, giving a greater insight into the way the approaches and psychologists end up identifying and using this play on therapies.

**Keywords:** Playing; Child; Psychotherapy.

## 1 INTRODUÇÃO

Há muito tempo fora estipulado que o conceito de criança era “adulto em miniatura”, trazendo para ela enormes responsabilidades e incumbências para auxiliar os seus familiares. Ainda hoje, diante de tantas diretrizes e de tantas tarefas estipuladas para essa criança, com o intuito de prepará-las para o mercado de trabalho, esquecemos o seu papel, o seu direito ao brincar, porque, até neste brincar, queremos, de alguma forma, moldar ao nosso gosto para desenvolver “melhor” a criança, deixando de lado o brincar espontâneo e a sua capacidade de desenvolver práticas sociais/interativas.

As brincadeiras proporcionam o desenvolver de certas capacidades, como atenção, imitação, memória, imaginação, entre outras. Para Vigotski (1966/2000), o brincar tem um

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pela UNIFACS – SA, Campus Prof. Barros, 9º semestre. Bolsista da FAPESB. E-mail: paula.tanure93@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia da UNIFACS. Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal da Bahia (2015), Pós-doutorada no Instituto de Saúde Coletiva da UFBA, paula.pinto@unifacs.br

importante papel no desenvolvimento da identidade e da autonomia é a atividade principal da criança, sendo por meio dela que a criança começa a aprender a agir, relacionar-se com a sociedade, com os objetos e consigo, razão pela qual a atividade espontânea de brincar não pode ser ignorada pela psicologia.

Se socialmente a criança está perdendo o seu espaço, o seu lúdico, e vivendo uma cobrança desde nova, pergunta-se, como ocorre o brincar espontâneo no âmbito da psicoterapia e como os psicólogos percebem sua importância para o desenvolvimento das crianças? Através desse questionamento, buscou-se entender melhor como é vista a utilização do brincar espontâneo e o dirigido dentro das clínicas diante de algumas abordagens da psicologia.

Nenhuma criança brinca só para passar o tempo, sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas, ansiedades. O que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar [...] (BETTELHEIM, 1984, p. 105).

Essa compreensão do brincar como prática mais complexa do que mero passatempo e linguagem revela a força significativa desse ato para a análise de um quadro psicológico da criança pelo profissional da psicologia. Há que se perceber, contudo, que, partiu-se da hipótese de que, em seus consultórios, nem todos os psicólogos se valem do brincar espontâneo como valiosa forma de compreender o que, nas crianças, dificilmente se revela pela linguagem verbal.

"[...] O brincar facilita crescimento e, portanto a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; O brincar pode ser uma forma de comunicação na terapia" (WINNICOTT, 1975, pg 63). Valendo-se dos preceitos de Winnicott (1975), um importante representante da psicanálise, é possível identificar que o brincar acaba por desempenhar uma função de grande valor para o desenvolvimento da criança de diversas formas e em diferentes momentos de seu desenvolvimento. O brincar auxilia no nosso desenvolvimento cognitivo, social, entre outros, e é a partir do brincar que possuímos a capacidade de nos conhecer como indivíduo e como parte de um meio social.

Segundo Vigostski (1998), para entendermos o desenvolvimento da criança, é necessário levar em conta as necessidades dela e os incentivos que são eficazes para colocá-las em ação. O seu avanço está ligado a uma mudança nas motivações, por exemplo: aquilo que é de interesse para um bebê não o é para uma criança um pouco maior. Com base nesse interesse e na necessidade do incentivo, é possível identificar que, a partir do brincar espontâneo, a criança tem maior espaço para expressar o seu querer e seu processo de

desenvolvimento, assim como desenvolver a sua personalidade. Nesse sentido, Winnicott (1975, p. 89) afirma que “é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral”. Dessa forma, ao utilizar o brincar dirigido, estamos a fornecer apenas o que nos é conveniente, limitando a criança de explorar o lúdico e de se descobrir como um todo.

A pesquisa objetivou uma investigação sobre a importância do brincar espontâneo para psicoterapeutas, através de entrevistas com profissionais da área terapia cognitivo-comportamental, Psicanálise, Analítica e psicodrama. A investigação desenvolveu-se no intuito de pensar o modo pelo qual os métodos lúdicos são utilizados para uma maior aproximação com as crianças em processo psicoterapêutico, além de analisar como a elaboração do brincar espontâneo se revela importante para o desenvolvimento, assim como para a atividade psicoterapêutica.

Embora o ser humano se transforme, alguns eixos permanecem inalteráveis como o brincar espontâneo na criança. A brincadeira dirigida, ou seja, aquela que tem por finalidade o ensino ou aprendizagem de conteúdo dirigido, é diferente de brincar espontâneo. Não questionamos dimensões de relevância de um sobre o outro, apenas utilizamos como conceito introdutório, pois a brincadeira tem o fim em si mesma, é espontânea e descompromissada. O brincar dirigido, por sua vez, como atividade didática, envolve planejamento, cumprimento de regras e tem por finalidade a aprendizagem. Tratamos do primeiro enfoque, o brincar espontâneo, mais natural na criança, por se tratar de uma forma observável (ou não) do psicológico, objeto do estudo, fazer reflexões teóricas e metodológicas sobre o estudo do desenvolvimento infantil.

A fim de atender ao objetivo geral a que se propõe a presente pesquisa, foi analisado se psicólogos compreendem o brincar espontâneo como importante para o desenvolvimento da criança. Desse modo, questionou-se a relevância que é ofertada a essas brincadeiras nos espaços terapêuticos para o desenvolvimento das crianças, mas, também, para a própria atuação do psicólogo.

Há que se destacar, ainda, que a pesquisa possibilitou avaliar, através da percepção dos psicólogos, como se dá a interação com as crianças através do brincar no *setting* terapêutico, se os psicólogos desenvolvem atividades lúdicas espontâneas ou dirigidas com seus pacientes e como os profissionais percebem os resultados obtidos em terapia a partir do brincar espontâneo e do brincar dirigido. Desta forma, a presente pesquisa revelou-se de suma relevância, uma vez que o trabalho possibilitou desenvolver melhor a ideia do brincar

espontâneo, discorrer sobre sua importância na interação social e perceber o valor que ele possui para o desenvolvimento da criança socialmente, psicologicamente e cognitivamente. Tal compreensão do lúdico, por sua vez, não se deu de modo amplo, uma vez que a pesquisa objetivou entender o brincar na terapia, através de algumas abordagens da psicologia: terapia cognitivo-comportamental - TCC, Psicanálise, Analítica e psicodrama.

## **2 MÉTODOS**

Realizou-se um estudo de cunho eminentemente exploratório e qualitativo e, ao longo de suas etapas foram adotados métodos condizentes com os objetivos propostos. Dessa forma, iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica a fim de possibilitar uma apreensão das formulações teóricas sobre o tema. De logo, é possível destacar que se tratou de etapa indispensável para o momento analítico de avaliação crítica dos dados obtidos na etapa de campo.

Após o apanhado bibliográfico, realizou-se uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo, no intuito de estabelecer um diálogo com os profissionais selecionados e coletar os dados a serem analisados. A coleta de dados por sua vez, deu-se por meio de entrevista semi estruturada, ou seja, a pesquisadora foi a campo com um apanhado de questões específicas a serem apresentadas, no entanto, isso não impossibilitou o diálogo com os entrevistados a fim de coletar informações que, embora, para além das questões propostas, revelaram-se relevantes para a pesquisa realizada. Na constituição desse corpus de análise, foram selecionados onze profissionais das abordagens elencadas (dois representantes da Psicologia Analítica, três da TCC, quatro da Psicanálise e dois do Psicodrama).

Cabe ressaltar, ainda, que esses profissionais foram escolhidos com base em sua disponibilidade. Desse modo, destaco a dificuldade para obter um número considerável de profissionais, uma vez que muitos se opuseram a participar da pesquisa por razões diversas, como falta de tempo. Nessa empreitada, obtive cerca de vinte e seis negativas até obter o número total de onze entrevistados (Quadro 1). Isso representou óbice ao desenvolvimento da pesquisa e impossibilitou a coleta proposta, além da exclusão das informações que se desejava obter com as abordagens das Gestalt terapia e a análise do comportamento.

<b>ABORDAGENS</b>	<b>META DE ENTREVISTA</b>	<b>FALTOU ENTREVISTAR</b>	<b>ENTREVISTADO</b>
<b>PSICANALISE</b>	5	1	4
<b>PSICODRAMA</b>	5	3	2
<b>ANALITICA</b>	5	2	3
<b>TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL</b>	5	3	2
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>9</b>	<b>11</b>

**Quadro 1: Resumo do quadro de participantes e processo de entrevistas**

Os onze terapeutas entrevistados disponibilizaram cerca de 15 minutos (quinze minutos) do tempo deles para a realização da entrevista. Para a obtenção dessa etapa, fez-se necessário agendar um horário com os psicólogos e explicar um pouco sobre o projeto, indicando do que se tratava e os objetivos da pesquisa. A maioria das entrevistas foi realizada no ambiente de trabalho dos profissionais, sendo que apenas uma foi realizada fora do consultório por questão de disponibilidade de horário. Após a explicação do projeto, foi entregue para o participante um termo de consentimento informado, livre e esclarecido, o qual assegurava a realização da entrevista, juntamente com o consentimento de gravação e de publicação.

Em um terceiro momento, os dados obtidos em campo passaram por uma análise qualitativa a partir da comparação entre as observações e respostas obtidas e os conhecimentos teóricos elencados com a pesquisa bibliográfica. Os dados foram analisados qualitativamente, através de três categorias de análise 1) como o brincar espontâneo era utilizado em processos psicoterápicos com crianças; 2) de que forma os psicoterapeutas compreendiam tais brincadeiras como importantes para o desenvolvimento da criança; 3) literatura utilizada pelos psicólogos para fundamentar brincar. Tais categorias foram analisadas separadamente em cada abordagem da psicologia.

Cabe destacar, por fim, que o projeto da professora orientadora, que por sua vez deu origem a este projeto, foi submetido para a Plataforma Brasil, foi avaliado por um Comitê de Ética em Saúde e aprovado.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Foram feitas onze entrevistas com profissionais de psicologia, de diferentes abordagens: Terapia cognitivo-comportamental, Psicanálise, Analítico e Psicodrama, que foram analisadas a partir das categorias conceituais, explicadas na seção de métodos. As categorias foram analisadas dentro de cada abordagem da psicologia.

### **4 PSICANALISE**

Para Freud o inconsciente é o conceito fundamental de sua abordagem. Por mais que já se falasse do inconsciente, do ser e de sua subjetividade humana, foi através de Freud que se deu uma real notoriedade para o que hoje denominamos de inconsciente, dando margem a novas teorias e suas abordagens, trazendo a psicologia para o meio da ciência e ele por fim se tornando o pai da psicanálise, apesar de não se considerar assim. Freud em “Cinco Lições de Psicanálise” afirma que: “se algum mérito existe em ter dado vida a psicanálise, a mim não cabe, pois não participei de sua origem” (FREUD, 1909, p.27), mas logo se contradiz em 1914 com a “A história do Movimento psicanalítico” onde relata que a psicanálise é sua criação e não há ninguém que saiba melhor sobre ela se não ele.

Quando falamos da psicanálise com crianças, entre os diversos temas que se fazem presentes se destacam as teorias sexuais, psiquismo e patologias por meio de Freud e outros autores da psicanálise como, por exemplo, Winnicott, Arminda Aberastury e Melanie Klein.

Winnicott (1975) busca romper a ideia de que o brincar está vinculado à masturbação e a experiências sensuais, identificando que o sexual, não faz parte desse brincar e quando o mesmo surge, a brincadeira é interrompida.

A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar — a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas, em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar, para um estado em que é (WINNICOTT, 1971/1975, p. 63).

Na presente pesquisa foram entrevistadas quatro psicólogas da abordagem psicanalítica. Nas respostas obtidas identificou-se que a utilização do brincar é algo importante, até mesmo em suas investigações/avaliações, elas acreditam que o brincar é escolhido pelo paciente e só deve ser sugerido se tiver algo específico que se deve trabalhar. Segundo Aberastury (1992) a brincadeira para as crianças é uma forma de investigação, onde há em seu mundo uma permuta ente o real e a fantasia.

Essa utilização do brincar como espontâneo é embasado na psicanálise e as intervenções que ocorrem nas brincadeiras espontâneas são feitas de forma não verbal, buscando utilizar do lúdico para guiar, dar um foco maior no problema que ele está passando e como ele pode ter foco e resolver o problema.

É a brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação “do sujeito” consigo mesmo e com os outros (WINNICOTT 1971r, p. 63).

Segundo as entrevistadas a utilização do brincar espontâneo dentro do processo psicoterapêutico é importante para o desenvolvimento da criança, assim como fora deste ambiente terapêutico. Ambas acrescentaram em seus discursos que é importante não só durante a terapia, mas em casa, na escola, na vida da criança como um todo, pois esse brincar acaba desenvolvendo o movimento psicomotor, neurológico, cognitivo, entre outros. “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 79-80).

É com base na fala de Winnicott (1971/1975) que se fez possível identificar na fala das psicólogas o que se refere às formas do brincar como fruto de desenvolvimento da criança, as mesmas informaram que o brincar dirigido possui a sua importância, mas na opinião delas o desenvolvimento partindo desse brincar é mais focado no que se deseja trabalhar e desenvolver na criança. É possível ver os resultados obtidos através do brincar, a partir das suas mudanças de comportamento dentro e fora da clínica.

O natural é o brincar e o fenômeno altamente aperfeiçoado do século XX é a psicanálise. Para o analista, não deixa de ser valioso que se lhe recorde constantemente não apenas aquilo que é devido a Freud, mas também o que devemos à coisa natural e universal que se chama brincar (WINNICOTT, 1971/1975, p. 63).

Com base na fala de Winnicott (1971/1975) é possível identificar que a teoria psicanalítica possui o seu valor e importância, onde os psicanalistas se utilizam da sua abordagem em suas análises, contudo, é por meio do natural, do brincar, que se faz possível alcançar questões específicas que a criança traz. Desta forma as psicólogas se utilizam de literaturas da psicanálise para fundamentar o brincar.

## **5 ANALITICA**

Carl Gustav Jung o grande precursor da Analítica, surgiu inicialmente em 1900 como um estudioso que buscava entender sobre a esquizofrenia. Jung desenvolveu estudos e pesquisas sobre a associação das palavras a fim de obter um diagnóstico diferencial. Ele acreditava que cada ser era único, devendo entender que o trabalho não era com a doença, mas sim com o doente. Diante dos seus avanços e estudos na área, Jung chegou a trocar cartas e conhecer Sigmund Freud, o qual foi seu confidente por sete anos, mas Gustav e Freud passam a se estranhar por volta das teorias de Jung sobre o inconsciente, onde ele afirmava ser uma instância maior, cujos objetivos vão muito além de guardar o material reprimido, traumas e o que não interessa mais para o indivíduo, trazendo suas ideias de persona e sombra, arquétipos, animo e anima, interpretação de sonho, inconsciente coletivo e muitas outras questões ligadas ao ser humano como um todo que se vem sendo estudado e seguido pelos Analistas, já diz JUNG (1975, p 16) "Nós não somos os criadores de nossas ideias, mas apenas seus porta-vozes; são elas que os dão forma... e cada um de nós carrega a tocha que no fim do caminho outro levará."

Na entrevista com os três psicólogos analíticos foi possível obter como resposta que dentro da abordagem Junguiana existem poucos livros sobre a utilização do brincar na clínica com crianças, e que sobre infância pode até ter atualmente, porque Jung não falava sobre o tema. Os psicólogos entrevistados afirmaram recorrer a outros escritores e a outras abordagens para sua atualização na área de psicoterapia com crianças.

Com base nas entrevistas, identificou-se que para os psicólogos analíticos entrevistados, a utilização do brincar é algo crucial em seus atendimentos. Os mesmos acreditavam que as brincadeiras fazem parte da escolha da criança, mas ao longo dos atendimentos, se faz necessário intervir, sugerindo brincadeiras para melhor análise e desenvolvimento da mesma, firmando o entendimento que o brincar pode ser escolhido pela criança, mas pode ser sugerido pelo psicólogo para amplificar um símbolo, trabalhar limites,

entre outras coisas e essa é uma escolha que parte tanto dos profissionais, como de suas abordagens. Uma das praticas ofertadas por estes psicólogos é a caixa de areia, uma técnica projetiva, que busca trabalhar limites, trabalhar a o Self entre outras coisas, sendo um recurso importante para o terapeuta, onde por meio dos detalhes e a composição do desenho, o psicólogo possui uma forma de dar seguimento ( Kalf,1980)

Pôde-se notar com a fala dos psicólogos que havia uma maior utilização do brincar dirigido, onde se busca ter um maior controle e entendimento da criança, não os isentando de considerar, a importância no brincar, seja ele espontâneo ou dirigido, para o desenvolvimento da criança, identificando o brincar espontâneo como desenvolvedor, por permitir que a criança conheça e exercite sua realidade, já o dirigido por mais que tenha a mesma importância, se diferencia por ter o brinquedo e o psicólogo como observador.

## **6 PSICODRAMA**

O Psicodrama de Moreno é regido pela teoria dos papeis, onde se busca entender o sujeito desempenhador de diferentes papeis em seus ambientes sociais por meio de interpretações, imagens e cenas, o método psicodramático criado por Jacob Levy Moreno (1889-1974) caracteriza-se por apresentar técnicas de intervenção que atuam tanto com o individual e privado quanto com relações interpessoais e o coletivo, e permite ao protagonista (sujeito ou grupo) a representação de seus dramas cotidianos em um espaço cênico, com o objetivo de identificar suas demandas e através da cena construída e das demais técnicas que envolvem todo o processo, encontrar com ele, possibilidades de ressignificação destas demandas.

No que se trata do trabalho do psicodrama com crianças, a breve análise de Moreno sobre a sua infância e o seu brincar de “ser Deus”, lhe fez ver que as crianças possuem uma espontaneidade natural, onde não há censura e influencias sociais (MORENO 1975).

“A espontaneidade é o fator primordial para uma existência saudável e o individuo espontâneo amplia sua capacidade criadora” (MORENO, 1975, p.132).Com base na pesquisa bibliográfica e nas respostas obtidas pelas duas psicodramatistas entrevistadas, pôde-se identificar que durante a psicoterapia os psicodramatistas utilizam o brincar com as crianças como ferramenta de trabalho e esse brincar geralmente é escolhido por elas, mas existe às vezes a necessidade de um direcionamento.Não é o caso de uma interferência na forma que a

criança brinca, as intervenções são feitas apenas com o intuito de pontuar algumas coisas, mas dentro daquele lúdico.

Camila Salles(1988) fala que o brincar é algo indispensável nas psicoterapias e que o psicólogo pode colaborar com o processo do brincar para que o mesmo seja realizado. Por mais que as psicólogas se embasassem no psicodrama, ambas se mostraram com opiniões divergentes sobre a necessidade de sugerir brincadeiras específicas. Por exemplo, a psicóloga “AG” não acreditava ser necessário sugerir um brincar específico. Ela pontuou, que o psicólogo deve esperar a criança escolher seu brinquedo e observar o que aquele brinquedo pode trabalhar, enquanto “RM” acreditava que não se deve ter uma regra para trabalhar com a criança na psicoterapia, o psicólogo deve utilizar o seu saber, a sua abordagem e suas experiências para intervir com um brinquedo ou na brincadeira se assim for preciso.

Toda brincadeira pode ser manifestação inconsciente do modo pelo qual a criança viveu, vive ou recorda certas experiências que a perturbam. Certos jogos simbolizam "vivências internas". Mas se não conseguimos oferecer um ambiente em que a criança possa de fato jogar e brincar, de nada vale a decifração do que está sendo simbolizado (GONÇALVES, 1988, p.11).

O psicodrama se vale da imaginação, dos jogos, brincadeiras, histórias e de uma forma específica, o teatro de faz de conta, com o intuito de trabalhar o desenvolvimento das crianças, trabalhando assim, seus medos, traumas, alegrias, entre outras coisas. Desta forma, as repostas dadas pelas entrevistadas sobre o desenvolvimento das crianças por meio do brincar espontâneo e dirigido, não foi algo fora do esperado, elas acreditavam que ambos os tipos de brincar possuem sua importância no desenvolvimento da criança pelo brincar fazer parte de um aprender e o próprio psicodrama com seus jogos e representações de papéis conseguir aos poucos desenvolver a ideia do estar e ser. Contudo se faz evidente nos discursos das mesmas mais características positivas de desenvolvimento da criança por meio do brincar espontâneo do que o dirigido. “O psicodrama é, como outras, uma psicoterapia na qual a criança tem a oportunidade de se expressar e de se relacionar por meio da brincadeira e do jogo [...]” (CAMILA SALLES, 1988, p.111).

Com base na fala de Camilla Salles (1988) é possível identificar que as abordagens possuem formas de trabalhar juntamente com suas teorias, mas elas por sua vez, procuram a seu modo a mesma coisa, que é dar espaço, atenção, acolhimento, entre outras coisas àqueles que os procuram, desta forma as psicólogas se utilizam de literaturas do psicodrama para fundamentar o brincar, seu papel com a criança entre outras coisas, assim como se utilizam de

outros autores para fundamentar suas práticas, como Wallon, Brazilda, Vogotk, Piaget entre outros.

## **7 TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL (TCC)**

A Terapia Cognitiva comportamental (TCC) surgiu na década de 1960 por Aaron Beck, que desenvolveu uma psicoterapia estruturada, de curta duração, voltada para o presente que se encontra, com enfoque na solução de problemas atuais e ressignificação de pensamentos e comportamentos disfuncionais (inadequados e/ou inúteis) (BECK, 1964). O tratamento está baseado em uma formulação cognitiva, as crenças e estratégias comportamentais que caracterizam um transtorno específico.

Desde cedo, a principal ocupação da criança é a brincadeira, por meio dela a criança desenvolve maneiras de divertimento. Essas maneiras fazem com que a criança comece a desenvolver noções de tempo, espaço, limite, sendo a brincadeira uma das formas pelas quais a criança adquire essas. (HADLER;PERGHER, 2011).

É por meio da fala de HADLER e PERGHER, (2011) que é possível compreender a reposta das psicólogas, que por meio da abordagem TCC relatam acreditar que a utilização do brincar durante as intervenções possuem sua importância, onde a pratica do brincar é o que mais se utilizam no consultório, tendo as brincadeiras sugeridas tanto pelas crianças, como pelas profissionais. As entrevistadas acrescentam em seus discursos que é essencial um contato com os pais para investigar essa criança, o que ela gosta de fazer, brincar entre outras coisas, o que Friedberg e McClure (2004) em seus discursos informam a importância de se avaliar as questões sistêmicas para se entender melhor onde se enquadra essa criança, se ela esta passando por algum problema familiar ou escolar, conhecer melhor a ela e o seu espaços para poder elaborar planos de tratamento que se adéquem a ela e suas necessidade. Ambas afirmaram que as escolhas são feitas pela sua abordagem, mas “LR” também acabou relatando que algumas escolhas partiam dela própria, por perceber que algumas coisas não se encaixavam com o paciente, por isso ela acabava inovando, saindo um pouco do roteiro.

Na terapia com crianças, utilizamos a brincadeira para entrar no mundo da criança e na linguagem da criança, assim formamos uma boa aliança terapêutica. (HADLER;PERGHER, 2011).

As psicólogas julgavam a necessidade de uma intervenção quando as crianças não respondiam às regras dos jogos, quando demonstravam agressividade e quando queriam trabalhar algum ponto que se julgava necessário com a criança. Nesses casos elas buscavam intervir quando alegavam ser necessário identificar o motivo daquelas atitudes que a criança estava tomando, ocasionando as sugestões de brincadeiras para trabalhar algo específico, como emoções, quando a criança tem um transtorno do desenvolvimento, como o autismo ou investigar algo com avaliações, entre outras coisas.

As entrevistadas afirmaram que o brincar espontâneo ao longo do processo psicoterapêutico é importante para o desenvolvimento, assim como o dirigido, onde os resultados obtidos pelo brincar espontâneo e dirigido são identificados através da mudança de comportamento ao longo do processo psicoterapêutico. Para elas o brincar espontâneo trabalha muitas a cognição, do nosso corpo, questões sociais, regras, entre outras coisas, o brincar é um aprender. Já o brincar dirigido, tem sua importância, por buscar trabalhar com as crianças pontos que se quer investigar ou desenvolver.

As psicólogas informaram que a abordagem cognitiva-comportamental não tem muitos livros escritos sobre a utilização do brincar na prática clínica e acabavam recorrendo a livros de outras abordagens, como por exemplo livros da gestalt, de arte terapia, entre outros para entender sobre o uso do brincar na clínica com crianças.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com essa pesquisa, objetivou-se desenvolver uma discussão sobre o brincar espontâneo em terapia, que possui grande importância e tamanha riqueza para o desenvolvimento das terapias com crianças. Inicialmente fora estipulado entrevistar três psicólogos de cada abordagem: Terapia cognitivo-comportamental, Gestalt, Psicanálise, Analítica, Ludo terapia, psicodrama e Análise do comportamento. No entanto, devido a pouca disponibilidade dos profissionais só foi possível estabelecer uma análise e discussão sobre o tema com onze profissionais. Devido o desfalque de profissionais entrevistados, não foi possível fazer análise de todas as abordagens que foram citadas, buscando-se assim entrevistar mais profissionais das áreas em que se foi possível entrevistar profissionais.

A partir da coleta e análises realizadas, foi possível discorrer sobre a importância do brincar espontâneo na psicologia clínica. Trata-se de um comportamento muito valorizado para o desenvolvimento dessa criança socialmente, psicologicamente, cognitivamente,

neurologicamente, uma vez que o brincar possibilita que a criança se comunique de forma natural, criando regras para o jogo, construindo sua ideia de mundo, trabalhando as relações com o outro, trabalhando suas frustrações entre outros aspectos que com o entendimento de alguns psicólogos e de algumas abordagens pode auxiliar o processo de desenvolvimento da criança.

Há que se ressaltar, ainda, como resultado já obtido, que o psicólogo utiliza a abordagem como uma ferramenta norteadora para a sua atuação, mas ela não é o único saber e nem algo rígido a ser seguido. Os psicólogos precisam procurar aprofundar mais seus estudos para tentar, de alguma forma, alcançar o paciente, ajudá-lo da forma que for possível. Assim como os psicólogos se utilizam da sua abordagem como instrumento de mediação entre o paciente e sua atuação para a sua prática, da mesma forma é criança diante daquele brincar. O brincar é uma ferramenta, é um instrumento para essas crianças interagirem socialmente, entenderem as regras de convivência, o que é certo e errado e se desenvolverem cognitivamente. Obviamente que o brincar dirigido é importante para as sessões, afinal de contas, ele é um grande norteador para os psicólogos aprofundarem mais o que se vê como demanda, trabalhando o que os pais trazem, o colégio e até mesmo o que as crianças acabam manifestando na clínica. No entanto, deixar que essas crianças consigam buscar se expressar livremente faz com que entendamos melhor o mundo delas e o que é de fato importante para elas.

Desta forma podemos identificar que as abordagens acabam falando do mesmo tema só que com uma linguagem própria, o que não obriga o psicólogo a ser submisso apenas àquele valor e estudo propriamente dito, devemos sempre buscar novas fontes e nos aprimorar para melhor atuação, não deixando de lado nossas intuições e nosso vínculo com o paciente.

## REFERÊNCIAS

ABERATURY, A. **Psicanálise de Criança: Teoria e Técnica**. Porto Alegre: Artmed, 1992.  
BECK, J. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. 414p.

BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho**. São Paulo: Artmed, 1984. 358p.

BRASIL. ODAIR FURTADO. . **Resolução CFP N°002/2004**: Reconhece a neuropsicologia como especialidade em Psicologia para finalidade de concessão e registro do título de Especialidade. 2004. Disponível em: <[https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2006/01/resolucao2004\\_2.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2006/01/resolucao2004_2.pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2017.

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812007000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 14 ago. 2017.

FRANCO, Sérgio de Gouvêa. O brincar e a experiência analítica. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 45-59, June 2003. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982003000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso 14 Aug. 2017.

FREUD, S. (1909) **Cinco lições de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras completas, v. XI).

FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico**, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 14).

FRIEDBERG, Robert D.; MCCLURE, Jessica M. **A prática clínica de terapia cognitiva com crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GONÇALVES, Camila (Org.). **Psicodrama com crianças: uma psicoterapia possível**. São Paulo: Ágora, 1988.

GOUVÊA, Álvaro de Pinheiro. **Sol da Terra**. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

HADLER, A., PERGHER, G. K. O Uso da Brincadeira na Terapia Cognitivo-Comportamental In: **Novas Temáticas em Terapia Cognitiva**. Porto Alegre: Sinopsys, 2011. p. 417-442. (v.1).

JUNG, C.G, **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

Kalff, D. Sandplay, **A psychotherapeutic approach to the psyche**. Santa Monica: Sigo Press, 1980.

PRISZKULNIK, Léia. A criança sob a ótica da Psicanálise: algumas considerações. **Psic**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 72-77, jun. 2004. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-73142004000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142004000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em: 14 ago. 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 2. ed. Porto Alegre: Martins Fontes, 1988. 168p.

WINNICOTT, D. W. (1971/1975). **O brincar e a realidade**. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT, Donald W. 1971r: O Brincar: A atividade criativa e a busca do Eu (Self). In: 1971a. (Tradução brasileira: O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro, Imago, 1975).

YOZO, R.Y.K. **100 jogos para grupos**, São Paulo: Agora, 1996. 191p.